

SAÚDE MENTAL E PREVENÇÃO DO SUICÍDIO EM CONTEXTOS ESCOLARES: EFEITOS DE UMA CAPACITAÇÃO DOCENTE

Pollyana Evangelista Marques¹;

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP.

<https://lattes.cnpq.br/5480450876263042>

Wanderlei Abadio de Oliveira²;

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP.

<http://lattes.cnpq.br/5455601415853420>

Carolina Lemos Rodrigues Conde³;

Universidade do Porto, Porto, Portugal.

<http://lattes.cnpq.br/0127666083773239>

André Luiz Monezi Andrade⁴;

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Campinas, SP.

<http://lattes.cnpq.br/3452462942187599>

Denise De Micheli⁵.

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP.

<http://lattes.cnpq.br/2246867228137055>

RESUMO: A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano marcada por intensas transformações e maior vulnerabilidade psicossocial. Nesse contexto, o suicídio configura-se como relevante problema de saúde pública e uma das principais causas de morte entre jovens. Este estudo teve como objetivo analisar as crenças e percepções de educadores da educação básica sobre o suicídio na infância e adolescência, bem como avaliar o impacto de uma capacitação breve na modificação de conhecimentos e atitudes. Trata-se de uma pesquisa quase-experimental, de grupo único, realizada com 56 professores de duas escolas privadas de São Paulo. A coleta de dados ocorreu em dois momentos: antes da intervenção (T1) e 30 dias após a capacitação (T2). A formação, com duração de duas horas, abordou dados epidemiológicos, desconstrução de mitos, sinais de alerta e estratégias de acolhimento e encaminhamento. Os resultados evidenciaram mudanças significativas após a capacitação, com redução de crenças equivocadas, maior reconhecimento de sinais de risco e ampliação da autoeficácia docente. Conclui-se que capacitações breves, fundamentadas em evidências científicas, fortalecem a atuação dos educadores e o papel

da escola na prevenção do suicídio e na promoção da saúde mental.

PALAVRAS-CHAVE: Adolescência. Suicídio. Capacitação docente.

MENTAL HEALTH AND SUICIDE PREVENTION IN SCHOOL CONTEXTS: EFFECTS OF A TEACHER TRAINING PROGRAM

ABSTRACT: Adolescence is a stage of human development marked by intense transformations and greater psychosocial vulnerability. In this context, suicide is a major public health problem and one of the leading causes of death among young people. This study aimed to analyze basic education teachers' beliefs and perceptions about suicide in childhood and adolescence, as well as to evaluate the impact of a brief training program on changing knowledge and attitudes. This was a single-group quasi-experimental study conducted with 56 teachers from two private schools in São Paulo. Data were collected at two time points: before the intervention (T1) and 30 days after the training (T2). The two-hour training addressed epidemiological data, myth deconstruction, warning signs, and strategies for support and referral. The results showed significant changes after the intervention, with a reduction in misconceptions, greater recognition of risk signs, and increased teacher self-efficacy. It is concluded that brief training programs based on scientific evidence strengthen educators' performance and the role of the school in suicide prevention and mental health promotion.

KEY-WORDS: Adolescence. Suicide. Teacher training.

INTRODUÇÃO

A adolescência e a juventude são fases marcadas por intensas transformações físicas, cognitivas e socioemocionais, além de maior exposição a vulnerabilidades psicossociais. Nesse período, fatores como conflitos familiares, bullying, exclusão social e desigualdades podem intensificar o sofrimento psíquico, tornando os jovens mais suscetíveis a agravos em saúde mental. O suicídio destaca-se como uma das principais causas de morte entre jovens no mundo, configurando-se como grave problema de saúde pública. No Brasil, também ocupa posição de destaque entre as causas de morte de adolescentes, especialmente na faixa etária correspondente aos estudantes do Ensino Médio. Além disso, estudos recentes apontam aumento de comportamentos autolesivos e ideação suicida, o que reforça a necessidade de ações preventivas no contexto escolar.

A escola constitui um espaço privilegiado para a identificação precoce de sinais de risco, como isolamento social, queda no rendimento, mudanças bruscas de humor e verbalizações de sofrimento. No entanto, muitos educadores ainda se sentem despreparados para lidar com essas situações, seja pela falta de formação específica, seja pela permanência de

mitos e estigmas relacionados ao suicídio, como a crença de que falar sobre o tema pode estimular sua ocorrência.

Diante desse cenário, capacitações breves fundamentadas em evidências têm se mostrado relevantes para ampliar o conhecimento, fortalecer a autoeficácia docente e qualificar a atuação dos professores na observação, acolhimento e encaminhamento de estudantes em sofrimento psíquico. Assim, este estudo teve como objetivo analisar as crenças e percepções de professores da educação básica sobre o suicídio na infância e adolescência e avaliar o impacto de uma capacitação breve na modificação de conhecimentos e atitudes sobre o tema.

OBJETIVO

Analisar as crenças e percepções de educadores da educação básica sobre o suicídio na infância e adolescência e avaliar o impacto de uma capacitação breve na modificação de conhecimentos e atitudes.

METODOLOGIA

Desenho do estudo

Trata-se de uma pesquisa *quasei*-experimental de grupo único, com avaliação pré-intervenção seguida por capacitação imediata (T1) e após 30 dias nova avaliação (T2), para verificar mudanças no conhecimento, crenças e autoeficácia de educadores após a capacitação.

Participantes

Um total de 56 docentes de duas escolas privadas da cidade de São Paulo participaram da pesquisa. Em relação aos critérios de inclusão, eles deveriam ser colaboradores(as) da escola; (b) aceitar participar voluntariamente; (c) assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Em ambas as escolas, participaram apenas os professores de Ensino Fundamental II a Ensino Médio.

Instrumentos

Foram coletadas informações relativas ao nível de escolaridade, sexo, turno de trabalho, tempo de atuação docente, renda, estado civil, número de filhos e participação prévia em atividades de formação continuada relacionadas à saúde mental.

Questionário de conhecimentos, crenças e autoeficácia sobre suicídio

Para avaliar os efeitos da intervenção, foi utilizado um questionário elaborado pelos autores, composto por 38 itens com respostas dicotômicas do tipo **Concordo/Discordo** ou **Sim/Não**, conforme o enunciado. Para fins de análise, os itens foram recodificados de forma dicotômica, atribuindo-se **1 para resposta correta** e **0 para resposta incorreta**, com base em consenso entre os autores e em referenciais técnicos e políticas públicas de prevenção do suicídio. Nos itens que expressavam conhecimentos ou atitudes adequadas, a resposta **“Concordo”** foi considerada correta; já nos itens formulados como mitos ou concepções equivocadas, a resposta **“Discordo”** foi classificada como correta. Esse procedimento permitiu a padronização dos dados e a comparação entre os momentos pré e pós-intervenção.

Procedimentos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Paulo, sob o parecer nº 7.311.731, e desenvolvida em parceria com a direção das escolas participantes. Após autorização institucional, os docentes foram informados sobre os objetivos do estudo em reunião previamente agendada, ocasião em que foi realizada a coleta do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

No momento inicial da pesquisa (T1), a pesquisadora principal aplicou o questionário sociodemográfico e o questionário de conhecimentos, crenças e autoeficácia sobre suicídio. Em seguida, foi realizada uma capacitação presencial, com duração de duas horas, fundamentada em evidências científicas sobre prevenção do suicídio em adolescentes. Participaram dessa etapa 56 docentes da Educação Básica de duas escolas privadas do município de São Paulo.

Após 30 dias da intervenção, realizou-se uma nova aplicação do questionário de conhecimentos, crenças e autoeficácia sobre suicídio (T2), com o objetivo de avaliar os efeitos da capacitação.

Sobre a Capacitação

A capacitação teve caráter formativo e foi fundamentada em evidências científicas sobre prevenção do suicídio em adolescentes. O conteúdo foi organizado em quatro eixos: dados epidemiológicos sobre suicídio e automutilação; desconstrução de mitos e estigmas; identificação de sinais de alerta; e estratégias de acolhimento e encaminhamento, com ênfase na escuta empática e no papel do educador como elo com a rede de cuidado.

A atividade foi conduzida por meio de exposição dialogada, com incentivo à participação dos docentes e à discussão de situações do cotidiano escolar, finalizando com espaço para perguntas e debate coletivo.

Análise de dados

Inicialmente realizou-se uma análise de estatística descritiva apresentando as frequências absolutas e relativas dos dados sociodemográficos. Para verificar um possível efeito da intervenção entre o momento pré (T1) e o momento pós-intervenção (T2) foram utilizadas tabelas de contingência pareadas (pré × pós) para cada item, com a aplicação do teste de *McNemar*, reportando-se os valores de qui-quadrado (χ^2), graus de liberdade e respectivos níveis de significância (p).

Além das análises por item, foram construídas sínteses dimensionais por meio da proporção total de acertos em cada dimensão, comparando-se os percentuais médios de respostas corretas antes e depois da capacitação. Os casos com dados faltantes em apenas uma das duas coletas (pré ou pós) foram excluídos da análise daquele item específico, de modo que todas as análises foram conduzidas considerando pares válidos de respostas (*pairwise deletion*). As análises foram conduzidas no software Jamovi e com nível de significância de 5%.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta as principais características sociodemográficas dos professores que participaram da pesquisa. Nota-se que todos possuíam ensino superior completo e apenas uma pequena parcela, em torno de 10%, cursou algum tipo de pós-graduação. Entre os participantes, houve uma ligeira predominância de mulheres. Em relação ao turno de trabalho, a maior parte lecionava no período da manhã, seguido pelo integral, enquanto poucos relataram atuar no período da tarde. Também chama a atenção o fato de que metade dos docentes tinham mais de dez anos de experiência em sala de aula, e cerca de 40% declararam renda superior a dez salários mínimos. A maioria era casada (75%) e grande parte tem filhos. Quanto à formação continuada quase totalidade dos participantes mencionou não realizar este tipo de formação (78,6%).

Tabela 1: Caracterização sociodemográfica da amostra.

Variável	Categoria	N	%
Nível de escolaridade	Ensino Superior Completo	50	89,3%
	Pós-graduação (Especialização)	6	10,7%
Sexo	Feminino	30	53,6%
	Masculino	26	46,4%
Turno escolar em que trabalha	Integral	13	23,2%
	Matutino	38	67,9%
	Vespertino	5	8,9%
Tempo de atuação	1-3 anos	1	1,8%
	4-7 anos	8	14,3%
	8-10 anos	18	32,1%
	Mais de 10 anos	29	51,8%
Renda	2 a 5 salários-mínimos	10	17,9%
	5 a 10 salários-mínimos	23	41,1%
	Mais de 10 salários-mínimos	23	41,1%
Estado civil	Casado(a)	42	75,0%
	Divorciado(a)	3	5,4%
	Solteiro(a)	11	19,6%
Filhos	Nenhum	16	28,6%
	Um	9	16,1%
	Dois	26	46,4%
	Três ou mais	5	8,9%
Participa de atividades de formação continuada?	Não	44	78,6%
	Sim	12	21,4%

A Tabela 2 apresenta a comparação entre os períodos pré e pós-intervenção em relação à compreensão e aos mitos sobre o suicídio. As maiores mudanças ocorreram nos itens que afirmavam que o impulso suicida é passageiro e quem realmente deseja se matar não avisa e que o suicídio ocorre sempre sem aviso prévio, todos com aumento expressivo do número de respostas corretas após a intervenção. Também se verificou um ganho importante no reconhecimento de que quase sempre há sinais de alerta antes de uma tentativa, assim como na compreensão de que o suicídio pode ser prevenido e de que se trata de um problema de saúde pública.

Tabela 2: Comparação pré e pós-intervenção em relação a **crenças e mitos** sobre o suicídio.

Item	Resposta correta	Pré n (%)	Pós n (%)	Teste	p
Suicídio é um problema de saúde pública	Concordo	36 (65,5%)	55 (98,2%)	16,2	***
O suicídio pode ser prevenido	Concordo	7 (14,6%)	48 (85,7%)	35,4	***
Crenças culturais/religiosas influenciam no suicídio	Concordo	32 (69,6%)	46 (82,1%)	3,20	***
É preciso ter sangue frio para lidar com suicida	Discordo	6 (11,8%)	51 (91,1%)	42,1	***
O impulso suicida é passageiro	Discordo	14 (25,5%)	55 (98,2%)	41,0	***
Quem quer se matar não avisa	Discordo	7 (14,3%)	49 (87,5%)	39,1	***
O suicídio ocorre sempre sem aviso	Discordo	6 (10,7%)	49 (87,5%)	41,1	***
Há sinais de alerta antes da tentativa	Concordo	8 (16,3%)	49 (87,5%)	38,1	***

Nota: n= frequência absoluta, % = porcentagem; Teste: χ^2 (McNemar); p= nível de significância, *** $p < 0,001$.

Na Tabela 3, observa-se aumento importante nas respostas corretas em itens que descrevem sinais mais objetivos, como a ideia de que quem tenta suicídio pensa em meios para se matar, dá pertences ou põe a vida em ordem e apresenta mudanças bruscas de humor, todos com variação expressiva após a intervenção. Em contraste, os itens sobre sentir-se sem esperança e sobre isolamento social apresentaram variações menores entre os dois momentos.

Tabela 3: Comparação pré e pós-intervenção em relação a de **sinais de alerta** de risco de suicídio.

Item	Resposta correta	Pré n (%)	Pós n (%)	Test	p
Quem tenta suicídio sente-se sem saída/esperança	Concordo	41 (73,2%)	40 (71,4%)	0,08	
Quem tenta suicídio pensa em meios (arma, remédio)	Concordo	36 (64,3%)	44 (78,6%)	20,6	***
Quem tenta suicídio dá pertences ou põe a vida em ordem	Concordo	26 (46,4%)	55 (98,2%)	23,1	***
Quem tenta suicídio apresenta mudanças bruscas de humor	Concordo	28 (50,0%)	55 (98,2%)	27,0	***
Quem tenta suicídio costuma se isolar socialmente	Concordo	27 (48,2%)	36 (64,3%)	1,69	0,19

Nota: n= frequência absoluta, % = porcentagem; Test: χ^2 (McNemar); p= nível de significância, *** $p < 0,001$.

A Tabela 4 evidencia mudanças relevantes nos itens relacionados à autoeficácia e prontidão, com destaque para o aumento de acertos em relação ao conhecimento para identificar sinais de suicídio e à percepção de preparo para lidar com esses casos. Entre os itens do clima escolar, observaram-se diferenças expressivas em T2 na percepção de que a escola está preparada para lidar com ideação suicida e de que os educadores têm papel fundamental na prevenção, ambos com altos percentuais de mudança positiva.

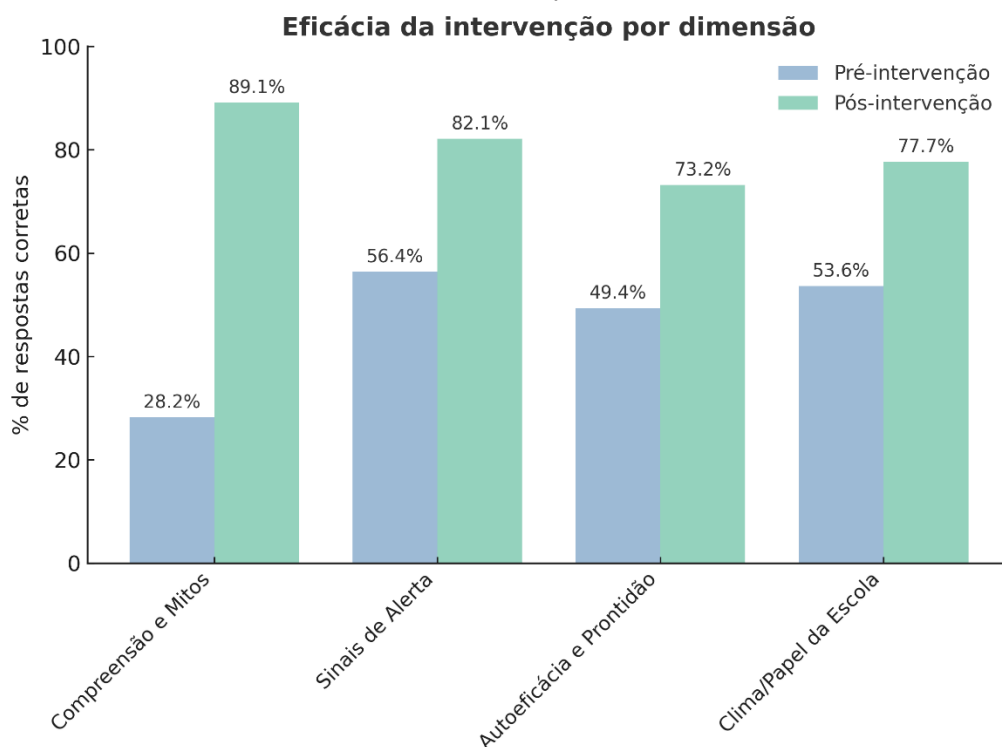
Tabela 4: Comparação pré e pós-intervenção em relação a autoeficácia e prontidão do educador / clima escolar.

Item	Resposta correta	Pré n (%)	Pós n (%)	Test	p
Autoeficácia e prontidão do educador					
Tenho conhecimento para identificar sinais de suicídio	Concordo	18 (32,1%)	38 (67,9%)	18,8	***
Sinto-me preparado para lidar com casos de suicídio	Sim	23 (41,1%)	33 (58,9%)	32,0	***
É preciso calma e paciência ao ajudar quem tentou suicídio	Concordo	42 (75,0%)	52 (92,9%)	5,56	*
Clima escolar					
Minha escola está preparada para lidar com ideação suicida	Concordo	24 (42,9%)	32 (57,1%)	22,0	***
Os educadores têm papel fundamental na prevenção	Concordo	36 (64,3%)	55 (98,2%)	17,2	***

Nota: n= frequência absoluta, % = porcentagem; Teste: χ^2 (McNemar); p= nível de significância, * $p < 0,05$; *** $p < 0,001$,

A Figura 1 apresenta a proporção de respostas corretas antes e depois da intervenção, sintetizada pelas quatro dimensões avaliadas. Nota-se aumento expressivo em todas elas, com maior variação na dimensão de compreensão e mitos, seguida pelos sinais de alerta, enquanto autoeficácia e clima escolar também apresentaram ganhos relevantes após a capacitação.

Figura 1: Eficácia da intervenção (capacitação) por dimensão a partir da proporção de respostas corretas antes e depois da capacitação, em quatro dimensões: Compreensão e Mitos, Sinais de Alerta, Autoeficácia e Prontidão e Clima/Papel da Escola.



Os achados deste estudo demonstram que a capacitação breve foi eficaz para modificar crenças equivocadas, ampliar o reconhecimento de sinais de alerta e fortalecer a percepção de autoeficácia dos educadores diante de situações de risco de suicídio. Esses resultados reforçam a importância de ações formativas fundamentadas em evidências científicas, especialmente no contexto escolar, onde professores ocupam posição estratégica na identificação precoce do sofrimento psíquico entre adolescentes.

No campo das crenças e mitos, observou-se redução significativa de concepções equivocadas, como a ideia de que quem deseja se matar não avisa ou de que o suicídio ocorre sem sinais prévios. A literatura aponta que tais mitos, ainda muito presentes no senso comum e entre profissionais da educação, constituem barreiras relevantes à prevenção, pois dificultam a escuta, o acolhimento e a intervenção oportuna. Nesse sentido, a capacitação mostrou-se relevante ao promover maior compreensão do suicídio como problema de saúde pública e fenômeno passível de prevenção.

Também houve avanços importantes na identificação de sinais de alerta mais objetivos, como mudanças bruscas de humor, organização de pertences e planejamento prévio. Por outro lado, sinais mais subjetivos, como desesperança e isolamento social, apresentaram menor variação, sugerindo que esses aspectos exigem maior aprofundamento em futuras formações. Esse dado é relevante, pois indica que, embora a capacitação tenha produzido efeitos positivos, a complexidade do comportamento suicida demanda processos formativos contínuos e mais aprofundados.

No que se refere à autoeficácia, os resultados evidenciam que os professores passaram a se perceber mais preparados para atuar diante de situações de risco, compreendendo seu papel não como clínicos, mas como agentes de observação, acolhimento e encaminhamento. Tal mudança é especialmente importante, pois contribui para reduzir o medo, a insegurança e a evitação frequentemente associados à abordagem do tema no ambiente escolar.

Além disso, os achados reforçam a necessidade de consolidar programas permanentes de formação continuada em saúde mental para educadores. Considerando que a maioria dos participantes não realizava esse tipo de formação, evidencia-se uma lacuna importante na preparação docente. Assim, investir em processos formativos sistemáticos pode fortalecer a capacidade institucional da escola de atuar de forma mais acolhedora, preventiva e articulada com a rede de proteção.

De modo geral, os resultados confirmam o potencial da escola como espaço privilegiado para ações de promoção da saúde mental e prevenção do suicídio. Ao mesmo tempo, apontam que a efetividade dessas ações depende da qualificação dos profissionais e da construção de práticas intersetoriais que articulem educação, saúde e proteção social

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo evidenciou que a capacitação breve foi eficaz na modificação de crenças, no reconhecimento de sinais de alerta e no fortalecimento da autoeficácia docente, reforçando a relevância de formações baseadas em evidências para educadores que atuam com adolescentes.

A escola destaca-se como espaço estratégico para a promoção da saúde mental e prevenção do suicídio, sendo os professores agentes fundamentais na identificação precoce, acolhimento e encaminhamento, sem assumir funções clínicas.

Os resultados também apontam a necessidade de institucionalizar práticas formativas contínuas, incorporando a temática da saúde mental na formação inicial e continuada dos docentes.

Como limitações, destacam-se o delineamento de grupo único e a amostra restrita. Ainda assim, os achados indicam que intervenções breves podem gerar impactos positivos relevantes.

Conclui-se que investir na formação docente fortalece a atuação da escola na prevenção do suicídio e na promoção de ambientes mais acolhedores e protetivos.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A.; Knobel, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- Associação Brasileira de Psiquiatria. *Suicídio: informando para prevenir*. Brasília: Conselho Federal de Medicina/Associação Brasileira de Psiquiatria, 2014.
- Attoe, C.; Kowalski, C.; Fernando, A.. Integrating mental health simulation into routine health-care education. *The Lancet Psychiatry*, v. 3, n. 8, p. 702-703, 2016. Doi: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(16\)30133-0](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(16)30133-0).
- Bertolote, J. M.; Fleischmann, A. Suicide and psychiatric diagnosis: A worldwide perspective. *World Psychiatry*, v. 3, n. 8, p. 181-185, 2009.
- Botega, N. J. *Crise suicida: avaliação e manejo*. Porto Alegre: Artmed, 2015.
- Boukouvalas, E.; El-Den, S.; Murphy, A. L. Exploring health care professionals' knowledge of, attitudes towards, and confidence in caring for people at risk of suicide: A systematic review. *Archives of Suicide Research*, v. 24, sup. 2, p. S1–S31, 2020. Doi: <https://doi.org/10.1080/13811118.2019.1586608>.
- Brasil. *Lei nº 13.819, de 26 de abril de 2019. Institui a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio*. Diário Oficial da União, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13819.htm.
- Brasil. *Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil*. Boletim Epidemiológico, Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, 2021.

Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf.

Calligaris, C. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.

Dayrell, J. T. O jovem como sujeito social. *Revista Brasileira de Educação*, v. 24, p. 40-52, 2003. Doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000100004>.

Fonseca, P. H. N. *et al* Autolesão sem intenção suicida entre adolescentes. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 70, n. 3, p. 246-258, 2018. Doi: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v70n3/17.pdf>.

Geulayov, G. *et al*. Suicide, self-harm and suicidal ideation during the COVID-19 pandemic. *The Lancet Psychiatry*, v. 9, n. 10, p. 813-822, 2022. Doi: [https://doi.org/10.1016/S2215-0366\(22\)00156-6](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(22)00156-6).

Hawgood, J.; Woodward, A.; Quinnett, P. Gatekeeper training and minimum standards of competency: Essentials for the suicide prevention workforce. *Crisis*, v. 42, n. 5, p. 325-335, 2021. Doi: <https://doi.org/10.1027/0227-5910/a000794>..